

Troca favorável

CONCRETIZADO o acordo da dívida externa, o programa nacional de desestatização poderá ganhar novo impulso. Os títulos emitidos em decorrência do acerto com os credores poderão ser usados como moeda alternativa já nos próximos leilões de privatização.

TRATA-SE de bom negócio pa-

ra ambas as partes. O Tesouro conseguirá resgatar a dívida sem desembolsar recursos (economizando para gastar mais em investimentos sociais). E os credores, em vez de esperar 30 anos até o fim da amortização, poderão trocar os títulos por ações que se tornarão inteiramente negociáveis após o sexto ano da compra.

Editoria de Arte

Emissão de eurobônus*

ANO	SETOR PÚBLICO	SETOR PRIVADO
1992	120	4.503
1º semestre/93	-	532
2º semestre/93	545	1.825
3º semestre/93	zero	1.180
4º semestre/93	zero	2.139
Total em 1993	545	5.676

FONTE: Salomon Brothers
*(em US\$ milhões)

Alta das taxas de juros inibe emissão de bônus no exterior

GABRIEL OLIVEN

Concluída a troca de títulos da dívida externa, o Brasil está pronto para retornar com força ao mercado internacional, captando dinheiro barato para capitalização de empresas. Certo?

Errado. As perspectivas para a emissão de bônus e outros títulos, até o fim do ano, nem de longe lembram o cenário de 1992 e 1993, quando as empresas po-

diam captar no exterior recursos a um custo bem baixo. Ao lançarem eurobônus, as companhias pagam hoje juros de 8% ou 9%, contra 5% a 6% nos últimos dois anos. Some-se a isso as incertezas quanto à estabilização da economia e o receio dos investidores estrangeiros de ficar com os papéis em carteira.

O setor público já acusou o golpe. Boa parte das estatais adiou ou suspendeu a emissão de títulos no exterior, esperando

condições mais favoráveis de mercado. É o caso da Petrobrás: em dezembro do ano passado, a empresa captou o equivalente a US\$ 200 milhões em ienes para reforçar o seu programa de investimentos. Os títulos foram lançados com prazo de três anos e juros anuais de 5,78%. Animada com o sucesso da operação, a estatal planejava repetir a dose em fevereiro, captando US\$ 150 milhões em marcos alemães. Mas adiou o plano.

— Como o mercado estava ruim, decidimos não arriscar. Hoje, a empresa está voltada para outros tipos de operação, como securitização de exportações e leasing — explica Márcio Eiras, superintendente financeiro da Petrobrás.

E a Vale do Rio Doce? A última vez que a empresa captou recursos no exterior foi há dois anos, numa operação de US\$ 300 milhões destinada a alongar o perfil de sua dívida.